

# O ALGORITMO DO AMOR

**JAIME MARIA BAYAMONDE DA COSTA  
AYALA**

*Ao Fred.*

*E à Sara.*

**Por causa deles, nunca deixei de acreditar no amor.**

**Por causa deles, sinto em cada segundo amor.**

**Sinto amor, por causa deles.**

**Sou feito de amor, por causa deles.**

**Só e só, por causa deles.**

**É tudo por causa deles.**

«Quem vê as árvores não tem fantasmas à frente dos olhos, porque os fantasmas não assombram aqueles que veem as árvores, porque simplesmente não os conseguem assombrar, e por isso, não me conseguem assombrar. Quem anda com as raízes das árvores e os troncos das árvores gravadas na sua mente, no seu espírito e no seu coração anda sem fantasmas e demónios. Porque nenhum fantasma consegue hackear uma mente, um espírito ou um coração que vê as árvores. Porque a tecnologia desses fantasmas e desses hackers serão sempre inferiores a uma mente cheia de árvores, cheia de oxigénio, a uma mente que mais parece um arvoredo. Porque são os próprios fantasmas que têm medo desses arvoredos. E por isso, não conseguem hackear nada: nem a mente, nem o espírito, nem o coração.» in *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto.

«E vi que tinha nascido com o algoritmo da fidelidade instalado em mim. Que era um ser humano e um ser amoroso. Que tinha nascido para estar amorosamente com outro ser humano. Mas só com um ser humano. E que ser fiel não era “não poder estar” com outro cavaleiro, quando andávamos a cavalgar no cavalo do nosso cavaleiro, mas simplesmente “nem sequer estar predisposto para andar” no cavalo senão do nosso cavaleiro. Querer estar só ao colo do nosso cavaleiro que em sábias cavalgadas nos levava para todas as infinitas cavalgadas que teríamos com todos os outros cavaleiros de mundos paralelos. Sentia a força do algoritmo em mim que me outorgava o nobre feitiço “um só cavaleiro e até ao teu cavaleiro, um cavaleiro de cada vez.”» in *Cavaleiros Tecnológicos*, de Barac Bielke.

«Eu não conto o lixo que apanho. Não faço lixo desde que nasci. E ando a apanhar os lixos dos outros desde que nasci. Todos os dias que faço praia apanho toneladas de lixo. (...) Descemos aquela arriba apenascada até lá abaixo à praia (...) para ter a chance de ver e estar naquele paraíso tinha que pagar por isso. Apanhar aquele lixo era a minha forma de pagamento e agradecimento à Natureza. Mergulhei, mandei uma mariposa, só para dançar na água para o meu namorado e ele a seguir beijar-me e quando olhámos à nossa volta num espaço de um quarto de hora havia uma enchente de gente. Fomos embora a apanhar cada lixo com que nos cruzávamos. As pessoas viram e imitaram-nos. Fui-me embora dali felicíssimo. Nós somos macacos e esponjas-do-mar ao mesmo tempo. Imitamos e absorvemos tudo. As esponjas-do-mar apanham toda a porcaria que os humanos fazem.» in *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom.

«Talvez, se (...) investires esse tempo a observares e a repares um pouco mais a Natureza comeces a ver os dados que a Natureza te deixou e talvez numa Internet própria da tua natureza comeces a querer ligar aquilo que vês, que é a realidade que tens à tua frente. Há animais que possuem um extrema inteligência emocional sócio-afetiva. É essa a minha filosofia! E acho que é lícita e perfeitamente legítima e moral... (...) Já vos disse: não predo nenhum animal que eu saiba que tenha inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie humana. (...) Comia porco até ter sido informado que há quem tenha porcos como animais de estimação, que há porcos que fazem parte da família de humanos, que há porcos que brincam o dia todo com cães, que há porcos que adoram crianças e as defendem como se fossem cães. Evoluí o meu pensamento. Não tenho que ser massacrado, só porque nasci numa família que comia carne de porco e não sabíamos que o porco tinha uma inteligência sócio-afetiva. Soubemos, tivemos essa informação e reagimos a essa informação. Cada um reage à informação como quer. Eu reajo assim. É a minha evolução.» in *Target – A Pegada Digital*, de Ralf Kleba-Kodak.

«Se eu vejo um campo de malmequeres intacto, devo tentar pisar o mínimo possível. Se vejo que já há um carreirinho, seja nesse campo, seja num bosque, ou numa floresta, devo usar esse mesmo carreirinho, não fazendo mais carreirinhos se tomar a mesma direção do carreirinho que já está feito. (...) Subir uma árvore não atenta contra nenhum “direito da árvore”. O que há é o dever de, nós humanos, reconhecermos algumas inteligências que habitam conosco na Terra. Podemos subir as árvores, dormir nas árvores, namorar nas árvores, desde que não cortemos ramos ou não danifiquemos a árvore ou estejamos com ela respeitosamente. Igualmente, se ao caminharmos virmos um carreiro de formigas, quando os vemos, temos o dever de nos desviar e o dever de não pisar nem o carreirinho de formigas nem o formigueiro. A mesma coisa como os malmequeres.» in **2080**, de Antoine Canary-Wharf.

«(...) Quando caminhamos com amigos ou com o nosso namorado é importante estarmos a caminhar com os nossos amigos ou com o nosso namorado. Este foco tem que ser imediato. Estar no café com amigos e estar a pensar em mil outras coisas é sinal que devemos imediatamente sair do café. Devemos ir fazer essas “outras coisas” que a nossa mente não para de pensar e o nosso cérebro quer antes ver-nos nessas “outras coisas”. E se o nosso cérebro não quer estar ali, devemos dar-lhe razão. Se tivermos um cérebro saudável, podemos dar-lhe razão. (...) O amor repete-se, claro, todos os dias, mas o namoro, dentro do namoro é sempre diferente. O namoro dentro do namoro parece infinito. Posso ir namorar para os mesmos sítios com o meu namorado, mas dizemos sempre coisas diferentes, damos sempre beijos diferentes, temos sempre emoções diferentes. Temos sempre novas emoções, novos carinhos, novos desejos um com o outro que são sempre os mesmos desejos. Porque aqueles beijos que o meu namorado me deu, não me vai dar mais. Vai dar-me outros. Mas os que me deu já não vai me dar mais. Por isto também, é que é importante estarmos verdadeiramente com quem gostamos, com quem amamos, dedicarmos, sem esforço nenhum, o nosso foco a quem amamos. Esse foco tem que ser natural. E é essa a tecnologia do foco cerebral e do foco mental. E tecnologicamente, se eu tiver a tecnologia desse foco, por ter estado focado, eu consigo voltar ao foco. Consigo voltar aos beijos que o meu namorado me deu. Através da mente. Através da memória. E posso recolher a memória deles ao final do dia. E recolho a memória deles no final do dia. Quando venho para casa e já não estou com o meu namorado venho a pensar nos beijos dele. E agora sim, posso vir a pensar nos beijos dele, e em outras mil e umas coisas, porque estou agora a caminhar sozinho.» in ***Paranóide Tecnológica***, de Federico Ferrari.

«“Amo-te” é a palavra-chave que torna o contrato de namoro automático, nem é preciso escrever em lado nenhum, por isso é que é tácito. Dar beijinhos e dizer amo-te é o comportamento concludente para o contrato de namoro. Não é preciso fazer mais nada... Depois é só oficializar o “pedido de namoro”.» in ***Júpiter***, de Gabriel Garibaldi.

«Nós estamos aqui a tentar recuperar um sistema doentio que objetificou tudo e todos, a começar pelos animais e pelas árvores, a acabar nos humanos. Porque a economia das coisas tem que ser imediatamente reparada. Toda a produção que seja fútil. Porque só um fútil é que pode gostar de ver os papagaios, os mochos e os canários presos, em gaiolas, ou um cão o dia todo preso na casota! Então para isso, para que querem ter o papagaio, o macaco ou o cão? Só para o ver a sofrer? O ver ali infeliz? Só para o exibir? É uma futilidade! E nós estamos aqui, para pôr termo à futilidade que vicia e contamina a economia. A economia tem que ser empática, solidária e humana. Não é comunista. É empática. Não é comunista. É solidária. Não é comunista. É humana. Tem que ser mais esverdeada, mais sustentável. Temos que pincelar o sistema e a economia com verdes pinceladas, como diria o Jaime d’*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.» in ***Os Autores do Sistema***, de Sebastião Lupi-Levy.

Quando as empresas andam bem, pagam *ordenados de felicidade* aos seus colaboradores e trabalhadores, não poluem ou poluem muito pouco o ambiente, são amigos das árvores e dos animais, não há com que preocupar e podemos ficar para sempre do lado do cliente ou do consumidor. Se os produtos que eu compro no mercado são realmente bons para o meu organismo, não põem a minha saúde em xeque, nem a minha privacidade, nem os meus dados, nem a minha integridade, nem a minha honra, eu não me importo nada de ficar para sempre do lado do cliente! Mas se vemos que as empresas não andam bem, que há circos com elefantes presos, eu vou querer também montar o meu circo, ganhar a licença para ser eu a montar o meu circo na feira e não o outro circo, porque no meu circo não há elefantes presos! Uso por exemplo um holograma, já que estamos no tempo dos hologramas, posso chegar em boa hora com um holograma de elefante. E perante o meu circo e o circo do outro, a Administração Pública fica obrigada a contratar comigo, porque o meu circo, que é a minha empresa, é mais sustentável que o do outro, porque eu não ando com a alma pesada a transportar elefantes de um lado para o outro.

Todo o nosso Direito é muito espiritual. Está cheio de alma! É por isto, que eu vejo o Direito dos Contratos Públicos com bons olhos. Porque para se conseguir contratar com a Administração Pública é preciso ter uma série de critérios. A Administração Pública agora vai ouvir! Ela está a ouvir! E ela quer ouvir! Mas ela quer ouvir é boas propostas! Se as propostas que tiverem em cima da mesa forem boas, ela vai querer contratar connosco! E neste nosso contrato, podemos ter a oportunidade de fazer as coisas bem, de fazer as coisas melhor que os outros já fizeram, de não repetir os erros dos outros. Porque enquanto há empresas que protegem e querem mesmo proteger e pagar *ordenados de felicidade* e não ferir o ambiente, há outras empresas que, neste momento, estão a esgotar e desgastar o ambiente e todos os seus trabalhadores. Há empresas que fazem mal à saúde do ambiente e sobretudo à saúde dos humanos. E por ver isto tudo, comecei a apaixonar-me pelo Direito dos Contratos Públicos.

Se mais nenhum direito pode atualmente compelir tão bem como o Direito dos Contratos Públicos para a minimização do abate de árvores porquanto privilegiadamente impõe como critério de adjudicação papel reciclado, então que essa doura estrutura-jurídico-arquitetónica se deixe seduzir pelas verdes pinceladas com que se desenha todo o folgo do pulmão, que vem caracterizar a lógica do *Green public procurement*. E será nesta esteira esverdeada em que se arreiga este nosso Direito dos Contratos Públicos vinculado pela garantia desta *arquitetura sustentável* que nos permitirá seguramente ficar na Terra, sem ter que alinharmos com todas estas novas classes da ciência física pseudo-elitista, que nos querem teletransportar numa viagem tecnológica para Marte. É que, se ainda fosse para *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, era uma coisa... Mas não... As ambições que estão a hipnotizar todos no sistema são marcianas!

Mas nessa hipnose, ninguém conta que sair da Terra faz expandir o cérebro. Expande o cérebro. E nessa expansão de ideias cerebrais há, então, quem queira seduzir e vá, mesmo, seduzindo as novas gerações a partirem para Marte, não tão-só pelo “problema da *superpopulação*”, mas também pela escassez dos recursos na Terra. E eu julgo que uma boa bofetada *smithiana*, na promoção da liberdade económica, porquanto a lógica do mercado herdada seja a concorrencial, pode muito bem ser instaurada pela

nossa mãe administrativista, aqui na Terra, para nos salvar de loucas e aborrecidas viagens espaciais à procura de novos recursos.

Que se salvem os nossos recursos primeiro! Que se reeduquem os mercados! Parece-me com o Direito dos Contratos Públicos, seja possível reeducar os mercados! Seja possível rejeitar um *supercapitalismo*, um capitalismo *supertecnológico* hipnotizado pela busca alienígena do sistema de novos recursos em Marte, preferindo e perfilhando um *capitalismo inteligente dos recursos*! Um novo *capitalismo inteligente dos recursos* monitorizado não por um sistema automatizado da Internet das Coisas, mas por um sistema empático administrativista, que julgo que o *Direito dos Contratos Públicos Ecológicos* esteja em perfeitas condições de tomar posição privilegiada no palco verde. No douto palco do *Green public procurement*! Foi, mais ou menos, assim que eu apresentei o meu trabalho. Eu não sabia se podia dizer aquelas coisas ali na sala de aula ou não. Eu não sabia se podia falar de Marte. Não sabia se podia falar em hologramas. De drones, nem sequer falei. Não tive coragem. Mas disto, eu tive coragem para falar, porque falei com o coração!

Tenho gosto em defender a máxima que os *Contratos Públicos Ecológicos* são um vetor de crescimento económico. Parece-me intuitivo que se nós, virtualmente colocados na posição do sector público, fossemos melhores a comprar produtos ecológicos, poderíamos resolver imediatamente várias querelas. Estaríamos logo, em primeiro rogo, a proteger o clima e o ambiente, e depois estaríamos a gerar crescimento e emprego nas empresas que desenvolvem tecnologias ecológicas, em harmonia ou respeito da lógica do sistema económico.

Então, parece-me que, os *Contratos Públicos Ecológicos* sejam um dos elementos-chave para transformar o mundo no sentido de uma economia ecológica. E é por isto, que o Direito dos Contratos Públicos é o direito que está em posição mais privilegiada, neste momento, para proteger o ambiente, à exceção do Direito Penal, que ainda se pode transformar num *Direito Penal Comercial*, num *Direito Penal Ambiental* e num *Direito Penal Tecnológico* como em 2080 de Antoine Canary-Wharf... Porque é aquele que pode exercer a sua sensibilidade, aquele que ainda se pode deixar-se fascinar pelos valores ecológicos e daí influenciar nas negociações, nas contratações públicas... Naturalmente chamando à colação dos negócios as considerações ambientais enquanto critério de adjudicação, para adjudicar, contratar com a melhor proposta de todas as propostas que estavam em concurso!

Se a economia é naturalmente uma ciência virtual, porque eu não consigo tocar nela, eu não consigo tocar na economia, a economia só existe na teoria, só existe na nossa cabeça, não é uma paisagem, é um holograma, mas um holograma que se tornou uma realidade virtual aumentada, que nos hipnotiza, pressiona e comanda, e se ela é tendencialmente concorrencial, então que se concorra no mercado ecologicamente. Que se tragam os bons hologramas! Que se projetem as boas ideias. Que se tirem os elefantes dos circos e os devolvam à savana e que se tirem os golfinhos dos aquários e os devolvam aos oceanos. É este o holograma que eu vejo! Como vejo o velcro nas corridas de toiro.

Podemos continuar com as corridas de toiro, podemos continuar com o espetáculo, mas garantindo a diversão, a integridade e a felicidade de todos os intervenientes do espetáculo, incluindo os animais. Temos muitas ganadarias em Portugal, muitos

cavaleiros em Portugal, muitos montados em Portugal. Se queremos manter a tradição da corrida portuguesa, temos que evoluir. Já há pessoas a correr com os telefones. Já há pessoas a correr com tecnologia. Então, podemos olhar para elas e dizermos que nunca iríamos correr com um telefone, mas podemos olhar para esse espetáculo tecnológico e teletransportar a tecnologia para onde ela possa ser francamente útil. Podemos continuar com as corridas de toiro, sim, mas, só podemos, se trouxermos o velcro para as corridas. E assim, eu posso ter os toiros em liberdade nos montados, chegar com o camião ao montado, baixar a rampa e trazer os toiros para a corrida que “querem vir”. Porque há toiros que tiveram na corrida e “querem voltar” para a corrida! Isto é mesmo verdade, porque os toiros são animais inteligentíssimos!

São toiros-bravos, e “até” lhes pode estar na natureza aquela brincadeira de espetáculo, mas o espetáculo tem que ser isso mesmo, uma brincadeira! E nas brincadeiras, não pode haver sangue. O toiro tem que voltar ileso para o montando sem que a viagem o stress. E é assim que mexemos na economia com pauzinhos de perlímpimpim! Todos aqueles que eram contra as corridas, vão talvez começar a perceber a economia toda que há por detrás da tauromaquia e vão provavelmente aderir a um espetáculo igual, mas sem sangue. Porque se pode fazer tudo igual, mas ao invés de se espetar a farpa, “espetar-se” um velcro! E vamos todos ouvir o triplo dos aplausos! Vamos ver muitos mais aplausos, muitos mais bilhetes, muitos mais financiamentos para se aumentar o bem-estar dos animais. E os toiros que forem a estas novas corridas, voltarem para o montando e virem o camião a chegar e a baixar a rampa, irão a correr para o camião, porque sabem que podem ir ao espetáculo, mas no fim do espetáculo voltarem em sossego e paz para casa. No Canadá, não sei se é assim que se faz como acabei de o dizer, mas no Canadá, que é um país que tem alguma sensibilidade pelos animais, só permite as corridas de toiro com velcro. O velcro é como se fosse uma bandarilha tecnológica, que não faz sangue. Podemos tão-só representar a história. Podemos brincar com a história. Podemos até fazer lindos espetáculos nas nossas corridas de toiro à gladiadores, trazendo os romanos e os escravos e os jogos e as lutas. Eu até nem me importo de fazer de escravo. Sou preto e tudo! Tenho prioridade para passar no casting. Mas não me importo, se for a representar! Porque podemos representar a escravatura, no teatro das coisas, no espírito de brincadeira das coisas. Agora não vamos é voltar a escravizar! Estamos noutro tempo! Estamos no século XXI!

Se o sistema se lembrou e bem, de tomar em consideração o ambiente, então que se aproveite essa boleia, esse espírito empático do sistema. Ora, se o sistema ainda permite e ainda quer incluir nos seus programas nas suas leis nos seus contratos o ambiente; foi [ele] o sistema que chamou o ambiente à colação, que o convidou, então, que se trate, que se abrace este nosso convidado da uma forma sustentável, humana, racional, criteriosa e que se perfilhem os critérios e os requisitos da disciplina jurídica desta antiga, desta nova e desta futura Administração Pública no seu direito *aos Contratos Públicos Ecológicos*. Se a Europa foi pioneira a oferecer soluções verdes, os avanços de outras economias como a americana e a chinesa parecem estar a abalar a competitividade europeia. E nessa sorte, parece-me que a Europa deva veementemente manter a liderança no mercado das *tecnologias ecológicas* como meio de assegurar a eficiência da utilização dos recursos em todos os sectores da economia. Parece-me também imperativo que, o crescimento económico deva dissociar-se da utilização de recursos e de energia, promovendo o seu

uso mais eficiente... Enfim... Para aumentar a competitividade, permitindo criar poupanças e estimular então esse crescimento.

E fui, assim, ficando cada vez mais à-vontade naquela minha ala política. Vi que tinha o amor do Fred e do Xico e, de repente, vi a alma da professora a sair do seu corpo e a ligar-se à minha. Parecia que tínhamos os cérebros ligados um ao outro. E comecei a falar de temas mais sensíveis, sobre o combate do novo *eco-marketing ilicitamente inteligente* e do novo *branqueamento ecológico de capitais* porque aqueles que se dizem “amigos do ambiente”, sendo verdadeiros inimigos do ambiente, sabem como concorrer e como contratar... Projetei e deixei assim projetado no ar uma data de questões num poético meu holograma: “quais as cores e os pincéis disponíveis para as entidades adjudicantes pintarem os seus contratos de verde?”, “será a contratação pública ecológica, a nova ditadora de mercados empáticos?”, “serão os novos mercados empáticos os novos ditadores da contratação pública ecológica?”, “porquê esverdear os tempos da contratação pública?”.

No meu capricho do esverdeamento do sistema e da “empatização” dos mercados, comecei por querer chamar a agricultura biológica aos meus *novos contratos de ecocatering*. Quer se trate de refeições para escolas, hospitais ou prisões, para cantinas de empresas ou serviços de fornecimento de refeições para reuniões e eventos, a Administração é responsável pela aquisição de grandes quantidades de alimentos e bebidas todos os anos. A agricultura é uma parte importante da economia europeia e também tem um grande impacto ambiental, sobretudo em emissões de gases com efeito de estufa, de degradação do solo e da água, de biodiversidade e de resíduos. O transporte, a embalagem e o armazenamento de produtos alimentares aumenta significativamente esta pegada ambiental! Ora, se já muitos consumidores insistem em opções mais sustentáveis quando se trate de adquirir produtos alimentares, então definitivamente, a meu ver a Administração não poderá naturalmente ser exceção.

Se eu, que sou uma pessoa singular, quando vou ao supermercado olho para dois produtos de marcas diferente do mesmo preço ou quase do mesmo preço e prefiro comprar aquele que não tiver plásticos nenhuns, a Administração que é uma entidade pública também tem que fazer isto. Não pode contratar com plásticos. Não pode contratar com açúcares. Não pode contratar com porcarias. Pode haver as piores porcarias no mercado e todos somos livres de consumir as piores porcarias do mercado, porque somos livres, mas a Administração não é livre para comprar porcarias, porque está acorrentada a um Estado e rege-se por princípios jurídicos. E são os próprios princípios administrativos que impedem a Administração de contratar com os maus que trazem toda a porcaria para dentro do sistema. A produção biológica, a escolha de alternativas mais sustentáveis e a redução dos resíduos alimentares e das embalagens parecem-me ser francamente medidas que possam fazer uma diferença mensurável. Em bom rigor, estima-se que os resíduos alimentares representem, pelo menos, 170 milhões de toneladas de emissões CO2 por ano – equivalente às emissões de um país da dimensão da Roménia ou dos Países Baixos.

Ora, numa abordagem dos *contratos públicos ecológicos*, defendo, pois, a especificação de uma percentagem mínima de alimentos que devem ser produzidos de forma ecológica, simultaneamente com a atribuição de pontos adicionais durante a fase

de adjudicação a produtos com percentagens superiores “àquele” requisito mínimo originalmente fixado. Defendo a especificação de percentagens mínimas e a atribuição de pontos para a utilização de frutos e produtos hortícolas da época. É urgente os contratos públicos ecológicos protegerem cláusulas contratuais relativas à redução ao mínimo dos resíduos alimentares e dos resíduos das embalagens dos alimentos. A cidade de *Lens* exigiu, por exemplo, que 20% dos produtos alimentares fornecidos nas refeições das escolas fossem biológicos. Os alimentos fornecidos tinham de ser certificados como biológicos. Os prestadores de serviços são obrigados a garantir a rastreabilidade, com cláusulas de execução do contrato que incluem coimas pela não prestação de informações sobre os métodos de produção e a rastreabilidade dos produtos, quando solicitadas. Este contrato teve efeitos benéficos na saúde humana e no ambiente e contribuiu para promover e aumentar a procura de alimentos biológicos.

Mas nós quando ficamos a saber do “caso Lens” o que é que podemos aprender com ele? Que 20% é ótimo! Mas ficarmos agarrados “à tecnologia” desses 20%? Será que se quisermos copiar, temos que copiar os 20%? Temos que começar com os 20%? Temos que começar com a exigência de 20% dos produtos alimentares do contrato de *ecocatering* para as refeições na escola serem biológicos? Só 20%, porquê? Perante este caso, não devemos copiar os 20%... Mas 90%!!!! Mas 90% é muito? Se for muito, nós baixamos para 80%... Se 80% ainda é muito, nós baixamos para 70%, se ainda não estivermos intelectualmente maduros – porque é preciso tornarmo-nos urgentemente intelectualmente maduros! Temos que aumentar logo a fasquia das coisas! A ideia é nós evoluirmos, não é ficarmos presos àquilo que nos implementaram, é nós conseguirmos libertarmo-nos dos números que nos deram.

Trouxe depois outro caso de um documentário, para a minha ala política. Levei o documentário *Rotten* de Jonathan Mussman que revela como o mel encontra-se altamente processado nos mercados. Cerca de 5 a 15% é verdadeiramente mel. A maior parte dos potes estão sedimentizados com corantes, conservantes e açúcares altamente cancerígenos e promovendo a diabetes. As abelhas produzem o mel para seu alimento. Para se alimentarem dele. Basicamente, nós, esperamos que elas produzam e armazenem e vamos lá e roubamos destruindo toda a lógica do ecossistema das abelhas prejudicando a sua sustentabilidade e desrespeitando os princípios ambientais. Há, todavia, apicultores biológicos que demonstram verdadeiramente que respeitam os ciclos naturais dos ecossistemas das abelhas produzindo mel puro.

(...)

«É sobre a intransmissibilidade da testamentaria.»

«Da testamentaria? Isso é o testamento?»

«Não! O que é um testamento, pergunto-te eu?»

«Então é um documento...»

«É um ato...»

«É um ato pelo qual eu digo “o Jaimezinho fica com todos os meus bens”.»

«É um ato unilateral...»

«É um ato unilateral pelo qual eu digo “o Jaimezinho fica com todos os meus bens”.»

«E esse ato é revogável ou irrevogável?»

«É irrevogável...»

«Irrevogável? Então? Não podes voltar atrás? Não podes rasgar o testamento?»

«Ah! Posso!»

«Então, afinal qual é a noção de testamento? Quero uma noção milimetricamente jurídica...»

«Testamento é um ato unilateral revogável pelo qual eu digo “o Jaimezinho fica com todos os meus bens”.»

«Mas oiça lá, o Jaimezinho fica agora com todos os seus bens?»

«Agora não!»

«Então, fica quando?»

«Quando se casar comigo!»

«Estamos no capítulo da sucessão testamentária, ninguém está a falar de casamentos agora...»

«Ai é? Não queres casar comigo?»

«Quero! Então, o Jaimezinho fica quando com os seus bens, se não é agora?»

«Então, quando eu morrer...»

«Muito bem! Então, quero agora a tua noção final milimetricamente jurídica.»

«O testamento é o ato unilateral revogável pelo qual eu digo “O Jaimezinho vai ficar com todos os meus bens quando eu morrer”.»

«Uau!!! Está quase igualzinho ao número 1 do artigo 2179º do Código Civil.»

«Pois! Eu tenho Direito Natural em mim.»

«Pois tens... Mas todos têm amorzinho...»

«Não, não... Nem todos têm...»

«Todos têm! Direito Natural é aquele Direito que tu sabes, porque sabes que é assim, não precisa de estar escrito em nenhum lado, é aquele Direito que não precisava de estar escrito, que tu já sabias que era assim... É aquele Direito que foi inscrito no teu coração...»

«Vês... Nem todos têm o mesmo coração... Nem todos têm Direito Natural...»

«Todos têm porque foi inscrito no coração dos humanos... No coração de todos os humanos... E chama-se testamentaria quando o testador encarregue alguém de vigiar ou executar o cumprimento do seu testamento.»

«Ya... Vou nomear-te meu testamenteiro...»

«Vais me pagar quanto????»

«Então vou pagar-te com tantos legados que te vou deixar...»

«Mas afinal, vou ser um legatário ou um herdeiro?»

«Estamos em Portugal, meu amor... Bem sabes que eu por mim deixava-te tudo... Mas o sistema sucessório português não deixa... Não é amor?»

«Estou impressionadíssimo... Para além de seres um craque a Medicina também és um craque a Direito das Sucessões... Já que estamos tão espertinhos, diz-me lá, então, o que acontecia se um doente teu testasse a teu favor o barco dele para irmos para Porto Santo – que isto de teres uma casa na ilha de Porto Santo de nada vale, se não tivermos um barco para lá irmos quando bem quisermos, porque os voos para lá são caríssimos –, enquanto lhe estavas a tratar um cancro... Um cancro... Sei lá... Diz-me lá um cancro muito prevalente, mas que não seja mortal e que eu possa preveni-lo...»

«Por exemplo, basalioma.»

«Basalioma?»

«Sim... Carcinoma basocelular.»

«Oh amor, isso é o quê?»

«É um cancro da pele.»

«Como é que eu previno isso?»

«Evicção da exposição solar...»

«E se eu quiser andar ao sol, se eu não quiser evitar o sol, porque eu gosto é de apanhar sol?...»

«Protetor solar, amor...»

«E se eu for estúpido e não puser protetor solar, por causa daqueles estudos da *Food and Drug Administration* que saíram, que dizem que os protetores solares têm uma absorção sistémica acima do limite recomendado de avobenzona, oxibenzona, octocrileno e ecamsul, que são ingredientes químicos que vão entrar na minha corrente sanguínea?»

«Pois, é porque serias muito estúpido mesmo! O meu namorado não vai ter cancro da pele! O meu namorado sabe que o cancro da pele é o cancro mais prevalente no mundo e o meu namorado sabe que esses estudos não foram conclusivos, porque não há evidência que esses ingredientes químicos sejam lesivos para o nosso organismo, segundo esses estudos. O meu namorado sabe que o facto de ultrapassar o limite recomendado pela *Food and Drug Administration*, não significa que seja prejudicial para a saúde. E o meu namorado também sabe que, ainda que a oxibenzona tivesse um risco, o benefício de usar protetor solar é muito superior ao risco, qualquer que ele seja. E para nos deixar descansados sobre o risco da oxibenzona, o nosso protetor solar já retirou a oxibenzona, por isso, qualquer que seja o risco de oxibenzona, com o nosso protetor solar estamos sãos e salvos!»

«E com o nosso protetor solar os corais também estão sãos e salvos, amor! Porque o octinoxato faz mal aos recifes de coral e o nosso protetor solar também retirou o octinoxato dos seus protetores solares...»

«E qual é que é o fator proteção solar que nós compramos sempre?»

«O mais alto, o fator 50.»

«Porquê? O fator 50 não é mais para as peles mais claras?»

«Não! Isso é indiferente! O cancro da pele não escolhe cor da pele! As peles escuras como produzem mais melanina, como se fosse um chapéu que cobre as células, conseguem aguentar mais tempo ao sol sem se lesar, mas só aguentam um tempinho sem protetor solar, depois desse tempinho, se não tiverem protetor solar lesam-se do mesmo modo que as peles mais claras...»

«Muito bem, amor! E tu és um craque a Dermatologia... Devias inventar um Direito da Pele... Então, e diz-me lá se a tua pele conseguir estar exposta ao sol 10 minutos sem se lesar, quanto tempo vais poder ficar ao sol com um protetor solar fator 50?»

«Oh amor, achas que a minha pele só aguenta 10 minutos ao sol sem se lesar???? Isso é a tua! Que é clarinha! A minha aguenta muito mais!»

«Não, não aguenta! Que eu em Porto Santo bem ouvi a tua pele a gritar por mim e pelo protetor solar...»

«Amor, achas que a minha pele me ia deixar mal em Porto Santo???? Claro que aguenta...»

«Pronto, a tua pele não te deixou mal em Porto Santo, mas vieste de lá com um bronzão que me deu *tusa* o verão todo... Mas se a tua pele só aguentasse 10 minutos sem se lesar, quanto tempo poderias ficar exposto ao sol com um protetor solar fator 50?»

«Então, é só multiplicar os 10 minutos, que é o tempo que a minha pele aguenta estar ao sol sem se lesar, pelo número do fator, por isso, podia 500 minutos... Até a mim me deu *tusa* o meu bronze... E adorei vir de lá com os pelos loiros... Porto Santo aloirou-me os pelos, e eu nem sabia que os meus pelos podiam ficar loiros... Será que foi de ter passado os dias todos enterrado naquelas maravilhosas areias carbonatas biogénicas de magnésio, cálcio e estrôncio cheias de fósseis formados há 35 mil anos e cheias de bioclastos de rodófitas?»

«Não foram as areias de Porto Santo que te aloiraram os pelos, foram os 3 meses que passaste debaixo do sol de Porto Santo que te deram um novo bronze e um novo loiro que desconhecias nas profundezas dos teus genes... Bioclastos de rodófitas?»

«Sim... As rodófitas são aquelas algas encarnadas essenciais para a cimentação, formação e sobrevivência dos corais... Não sabes????»

(...)

«A primeira morte por cancro em Portugal é o cancro colorretal, não é?»

«Sim.»

«E demora muito o tratamento?»

«Tem um seguimento muito prolongado, pode levar 2 meses como meio ano...»

«Como é que previno?»

«Sobretudo alimentação, exames de rastreio...»

«Alimentação??»

«Sim... As carnes vermelhas aumentam a chance de ter cancro colorretal...»

«Espera lá... Eu posso afirmar que comer porco ou vaca que são carnes vermelhas aumenta a chance de ter cancro colorretal?»

«Sim!»

«Oh amor, a sério????»

«Sim, amor, porque é verdade!»

«Posso mesmo afirmar de boca cheia que comer porco e vaca mata????»

«Podes, amor!»

«Oh amor, já podias ter dito há mais tempo!!!! Andava eu aqui a arranjar desculpas ambientais, filosóficas, éticas, jurídicas e morais para salvar os porcos e as vacas... Afinal há uma desculpa médica! É a desculpa perfeita! É a Natureza a dizer-nos o que podemos comer e o que não podemos comer! Eu adoro a Natureza! É a Natureza a dizer “não façam mal aos porquinhos, se lhes fizerem mal vou dar-vos um cancro!”(...)» JAIME MARIA BAYAMONDE DA COSTA AYALA TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ©